



Universidade de Brasília UnB

Instituto de Letras - IL

O USO DOS PRONOMES TU E VOCÊ COM INTERPRETAÇÃO GENÉRICA E ESPECÍFICA NO MEIO DIGITAL

Frangky Lourenço Mantiri¹

Universidade de Brasília

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de evidenciar o estado atual dos pronomes tu e você no quadro pronominal de 2ª pessoa do singular no português brasileiro com a intenção de analisar as situações em que esses pronomes possam ocorrer com interpretação específica ou genérica no meio digital. Para tal, serão utilizados princípios da teoria linguística variacionista, sociolinguística e teoria gerativa a fim de fundamentar e esclarecer os resultados obtidos.

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação genérica; interpretação específica; pronome; teoria gerativa; gramática tradicional; variação linguística; português brasileiro.

ABSTRACT: The present work aims to show the current state of the pronouns tu and você in the pronominal table of the second-person singular in brazilian portuguese with the intention of analysing situations that these pronouns can occur with specific or generic interpretation in the digital media. For this purpose, it will be used principles of variational linguistics, sociolinguistics and generative theory in order to support and clarify the final results.

KEYWORDS: Generic interpretation; specific interpretation; pronoun; generative theory; traditional grammar; variational linguistics; brazilian portuguese.

Introdução

O presente trabalho visa investigar o estado atual dos pronomes *tu* e *você* para a representação da segunda pessoa do singular no português brasileiro com foco em analisar os contextos em que esses pronomes possam aparecer com interpretação genérica ou específica em ambientes virtuais. Para tal, serão utilizados princípios da teoria linguística variacionista, sociolinguística e teoria gerativa a fim de fundamentar os objetivos alcançados.

No português brasileiro, o falante detém a possibilidade de escolha entre *tu* ou *você* para tratar a segunda pessoa do singular. Nas gramáticas tradicionais, as duas formas são igualmente corretas para referir-se à segunda pessoa do discurso: 1.^a pessoa: quem fala (*eu-nós*)/ 2.^a pessoa: com quem se fala (*tu-vós*, *você-vocês*)/ 3.^a: de quem se fala (*ele-eles*, *ela-elas*). Embora *tu* e *você* se refiram à segunda pessoa do discurso, *tu* pertence à 2.^a e *você* pertence à 3.^a pessoa gramatical, exigindo as formas verbais e os pronomes respectivos, porém, a evolução diacrônica da língua aponta a supressão do *tu* pelo *você* e a retirada de cena de *tu/vós*. A conjugação verbal se reduzirá a quatro pessoas: *eu*, *ele*, *você*; *nós*, *eles*, *vocês*.

Para a sociolinguística, o fenômeno da variação linguística que ocorre entre o *tu* e *você* não pode estar atribuído à marginalidade. O fato de uma comunidade, ou mesmo na fala de um indivíduo, conviverem com ambas as formas atesta a mudança natural que a língua tende a ter. A língua está sujeita aos processos de mudanças sociais, espaciais e temporais e que nada comprometem na comunicação ou no sistema linguístico. O resultado de palavras ou construções em variação são proposições ricas em significado social, com o poder de comunicar o interlocutor mais do que o significado representacional pela qual disputa.

Sendo assim, objetiva neste trabalho investigar o uso dos pronomes *tu* e *você* em ambientes de escrita virtual informal, onde se pode constatar o uso natural e cotidiano do falante do português brasileiro. Também será analisado o uso dos pronomes com referência genérica e específica. O uso de referência específica é caracterizado pela forma direta com que o falante se refere ao interlocutor, de forma que o referente é conhecido e definido na situação em que a conversa ocorre. Ao que se refere o uso dos pronomes com interpretação genérica, são aqueles em que a referência não está dirigida especificamente a um interlocutor, mas a todos que possam aproveitar da informação. Ao considerarmos o discurso do falante, é possível notar que na maioria dos casos a informação destinada ao ouvinte não é específica e somente para aquele ouvinte, assim como exposto por Nazário (2009):

Um fator linguístico relevante, por exemplo, pode ser a “referência”. Os pronomes TU e VOCÊ podem aparecer com referência ou significados diferentes, ou melhor, podem ser usados para se referir ao interlocutor, a um grupo definido, particular ou genérico, dependendo do contexto em jogo. (Zilli, 2009, p. 17)

Para tal, o material que servirá como base teórica para a realização desta pesquisa será formado por manuais linguísticos, correntes teóricas sociolinguistas, variacionistas e gerativistas e também dissertações e teses formuladas a respeito do assunto, conjunto que irá oferecer auxílio para a fundamentação do tema. Será dada uma atenção especial à teoria de Pilate & Naves (2012), que servirá como principal fundamento teórico para a explicação dos resultados obtidos.

A metodologia de pesquisa dada neste trabalho será feita através da coleta de sentenças extraídas da rede social *Facebook*, onde ocorra o uso dos pronomes *tu* ou *você*. Posteriormente, os dados obtidos serão divididos e agrupados devidamente em categorias que se referem a sua referencialidade ou a sua interpretação genérica. A análise consistirá em mostrar o nível de referencialidade que os pronomes de segunda pessoa possam exercer em um ambiente de escrita virtual informal e a exploração de uma possível interpretação genérica desse mesmo contexto de escrita.

Por fim, espera-se como resultado deste trabalho comprovar a supressão que o pronome *você* exerce sobre o pronome *tu*, evidenciando uma nova forma de representação no quadro pronominal do falante do português brasileiro e identificar em quais tipos de contexto específicos o pronome *tu* tende a ocorrer. Espera-se também obter resultados que favoreçam a interpretação genérica dos pronomes de segunda pessoa, pretendendo-se explicar os resultados obtidos à luz da teoria gerativa.

Descrição do problema

Para podermos investigar o emprego dos pronomes pessoais com interpretação genérica, é necessário primeiro explorar a definição de pronome pessoal segundo a gramática tradicional. Recorrendo às obras de referência em Língua Portuguesa, podemos extrair as diversas denominações que os gramáticos dão ao tema.

Brandão (1963) afirma que “os pronomes pessoais representam os seres em relação a sua pessoa gramatical. Pessoas gramaticais são os três aspectos do ato da palavra, isto é, falar, ouvir e servir de objeto ao discurso” (p.301). Ao se tratar da forma como são utilizados os pronomes pessoais, o autor indica que o pronome *tu* é apenas empregado na forma de tratamento entre pessoas com as quais temos familiaridade e intimidade. Ao se referir ao pronome *você*, Brandão (1963, p.305) expõe:

Hoje você, contração do antigo pronome de tratamento Vossa Mercê, substitui o pronome tu, e aplica-se às pessoas de condição igual ou superior à que fala. O plural é vocês. Leva o verbo à 3ª pessoa e requer nesta os pronomes oblíquos e os possessivos (BRANDÃO, 1963, P.305).

Rocha Lima (2006) menciona que os pronomes *você*, *vocês* são de uso em ambiente de tratamento familiar e ainda insere as formas *senhor*, *senhora* como formas de tratamento cerimonioso (pronomes de segunda pessoa) e os enquadra na categoria dos pronomes pessoais. O autor completa dizendo que tais pronomes exigem do verbo as terminações de terceira pessoa.

Cunha e Cintra (2008) descrevem os pronomes pessoais como as três pessoas gramaticais: (a) primeira pessoa (quem fala) é representada pelos pronomes *eu* (singular) e *nós* (plural), (b) segunda pessoa (como quem se fala) é representada pelos pronomes *tu* (singular) e *vós* (plural), (c) terceira pessoa (pessoa ou coisa de que se fala) é representada pelos pronomes *ele/ela* (singular) e *eles/elas* (plural).

Ao tratarem o emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa, os autores consideram o pronome *você*, seja em tratamentos cerimonioso ou familiar, habitando o mesmo espaço do pronome *tu*. Segundo eles, no Português do Brasil, o uso do *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte. No restante do território brasileiro, o *tu* foi substituído por *você* como forma de tratamento para segunda pessoa do singular.

Bechara (2009) trata os pronomes pessoais como aqueles que designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3ª pessoa. O autor ainda traz uma observação a ser feita ao se tratar do pronome *você*.

3.ª) você, hoje é usado familiarmente, é a redução da forma de reverência Vossa Mercê. Caíndo o pronome vós em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se vocês como plural de tu. (BECHARA, 2009, p.166)

Diante das definições colhidas acerca do pronome de segunda pessoa do português brasileiro *tu*, percebe-se que os gramáticos indicam a preferência do uso do pronome *você* em detrimento do

pronome *tu* ao se referir à segunda pessoa, não alterando o valor semântico que o pronome *tu* carrega. Embora haja a preferência pela forma pronominal *você* como referência de segunda pessoa do singular, Ribeiro e Coelho (2005) atestam que o uso do *tu* como pessoa não constitui um arcaísmo linguístico, mas é largamente empregado pelos falantes nas situações de interlocução menos formais, como um recurso de interação entre enunciador e enunciatário.

O pronome de tratamento *você* também teve o tratamento gramatical alterado descritivamente, passando de pronome de tratamento para pronome pessoal, sendo *você* para representar a segunda pessoa do singular e *vocês* para representar a segunda pessoa do plural. Hoje, no português brasileiro, é possível constatar cinco formas pronominais para a representação da 2ª pessoa, sendo elas: *tu*, *você*, *ocê*, *cê* e *senhor* e apenas quatro para a representação da 2ª pessoa do plural, sendo elas: *vocês*, *ocês*, *cês* e *senhores*.

Castilho (2010) também afirma que, em contexto semântico apropriado, o *você* tem valor de tratamento igualitário entre os falantes e que o pronome *tu*, em regiões em que há vigência desse pronome, apenas apareceria para expressar distanciamento entre os falantes.

O derivado você passou a ser no PB um tratamento de igual para igual. Para o tratamento cerimonioso, inventou-se o senhor. Em regiões brasileiras em que o tratamento tu continua vigente, o uso de você traz de volta o antigo distanciamento. Onde o tu não é mais encontrado, ele e seus derivados são utilizados para expressar distanciamento, como no exemplo: Olha aí o que teu filho aprontou! (CASTILHO, 2010, p.479)

Antoine Meillet mostrava em seus textos o caráter social e evolutivo que a língua possui. Segundo ele, “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1921 *apud* CALVET, 2002, p. 16). De acordo com Meillet (MEILLET, 1921 *apud* CALVET, 2002, p. 16), toda e qualquer variação na língua é motivada estritamente por fatores sociais.

Para Bakhtin (1988 [1929], p. 147), conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra. Assim, Bakhtin mostra que a mudança linguística é historicamente motivada pelos diferentes contextos de uso da língua, que acabam concedendo diferentes sentidos à “mesma” palavra e mostrando que as palavras não são neutras nem imutáveis. Será através do contexto real de uso da língua que irá determinar a forma que possui valor para o falante, sendo nesse caso, um signo variável e flexível.

O fenômeno variável semântico entre os pronomes pessoais *tu* e *você* para a expressão da segunda pessoa do singular é bastante perceptível em nosso dia a dia como falantes do português,

porém esse fenômeno não implica que exista uma variável totalmente livre. A língua é dotada de heterogeneidade estruturada e, portanto, há regras. Ao considerarmos a língua como sistema homogêneo, ela conterá somente regras categóricas ou obrigatórias (que sempre se aplicam da mesma maneira à todas) e ao considerarmos a língua como um sistema heterogêneo, ela conterá também regras variáveis.

Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre a outra forma (ou outras formas). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico e o resultado desse processo é o fenômeno conhecido como variação linguística

Para os sociolinguistas, o fato de em uma comunidade, ou mesmo na fala de um indivíduo, conviverem tanto a forma *tu* quanto *você* não pode ser considerado acidental ou irrelevante ao se tratar de uma pesquisa e de avanço de conhecimento. A variação é pertinente às línguas e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes. Palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado social, e têm o poder de comunicar os interlocutores mais do que o significado representacional pelo qual “disputam”. As diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certa forma, quem somos, o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, e com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações. É essa a realidade descrita que os sociolinguistas tentam captar, sem qualquer tipo de ideia preconcebida, tanto como linguista (por exemplo, acreditando que a variação como acidente na língua e que não pode ser estudada com rigor onde o sistema a ser descrito está num plano mais abstrato do que o da fala) quanto como cidadão (acreditando que um falante que diz *nós vai* tem menos capacidade de pensar e de se expressar do que o falante que diz *nós vamos*).

Cabe-nos agora identificar o valor semântico que esses pronomes carregam, no nosso caso, o emprego como interpretação genérica, em que a referência não está dirigida especificamente ao interlocutor. Assim, mostram um sentido mais geral e abrangente, sendo frequentes em exemplificações que ajudam a sustentar uma argumentação, por exemplo. De acordo com Rocha Lima (2006), a segunda pessoa (aquela com quem se fala) projeta a perspectiva de que há uma pessoa que recebe a informação do discurso. Ao considerarmos a sentença formulada pelo falante, é possível notar que em grande parte dos casos a informação destinada ao ouvinte não é específica para e somente àquele ouvinte. Nesse caso, ao utilizar o *tu/você*, o falante está direcionando a “mensagem central” a qualquer um que possa aproveitar a informação. Ao dizer: *Você segue por este caminho para chegar ao banco*, a informação está sendo direcionada e destinada ao ouvinte

daquele momento, porém, parte-se do pressuposto de que servirá a qualquer pessoa que dela possa aproveitar, não sendo exclusiva desse ouvinte, assim como Zilli (2009, p.18) expõe:

Um fator linguístico relevante, por exemplo, pode ser a “referência”. Os pronomes *tu* e *você* podem aparecer com referência ou significados diferentes, ou melhor, podem ser usados para se referir ao interlocutor, a um grupo definido, particular ou genérico, dependendo do contexto em jogo.

Referencial teórico

A integração das formas *você* e *a gente* no quadro de pronomes resultaram em uma cadeia de repercussões gramaticais nos mais diversos níveis da língua. A forma *você* manteve suas propriedades mórficas que acarretaram no rearranjo no sistema pronominal, tendo em vista que se originou de uma expressão nominal de tratamento (Vossa Mercê) que leva o verbo para a terceira pessoa do singular. A especificação original de 3ª pessoa permanece, porém a interpretação semântico-discursiva está vinculada à 2ª pessoa.

De acordo com Lopes (2007, p.113) o paradigma verbal perde sua riqueza flexional e passa de seis para três formas básicas (eu falo, tu/você/ele/a gente fala, vocês/eles falam). Estudos mostram que o PB estaria passando de uma língua de sujeito não preenchido (Ø Tu falas muito) para uma língua de sujeito preenchido (Você fala muito). A perda da desinência verbal abre aos novos pronomes o status de únicos indicadores da categoria de pessoa e contribui com que a sua presença seja cada vez mais obrigatória.

Estudos diacrônicos com objetivo de evidenciar as diferenças sintáticas entre o PB e o PE (Duarte, 1993, 1995) indicam que, nesse caso, o que estaria vigente seria o Parâmetro do Sujeito Nulo, onde as variações da língua precisam obrigatoriamente preencher com material fonético todos os sujeitos pronominais das suas sentenças, independentemente do contexto ou dentro de determinadas condições de licenciamento, o sujeito pronominal pode ser deixado nulo.

De acordo com a Teoria Gerativa, sujeito nulo é o nome dado aos sujeitos pronominais que não são pronunciados. Eles recebem esse nome, pois se considera que a posição sintática onde deveria estar o sujeito não está vazia, mas ocupada por um elemento foneticamente nulo, uma categoria vazia.

A autora atesta que o falante do PB mostra preferência pelo preenchimento pronominal do sujeito. A opção pela utilização de sujeito pleno mostra que o PB caminha para se tornar uma língua diferente do PE. Duarte (Duarte, 1993, 2012) mostra que há um declínio na ocorrência do sujeito nulo determinado no PB, o que estaria levando o PB a se tornar uma língua de sujeito pleno.

O gráfico a seguir mostra o declínio de sujeitos nulos no PB ao longo de dois séculos

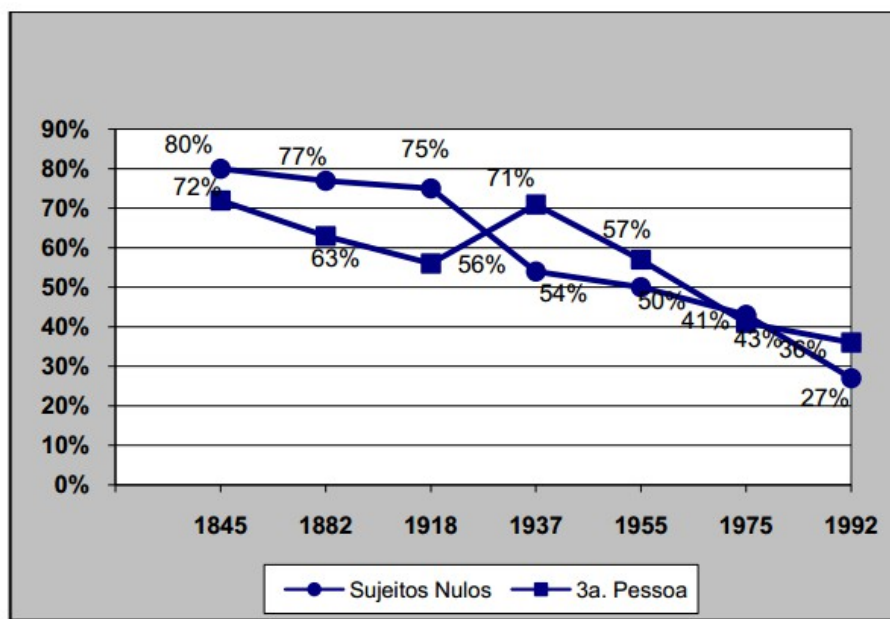


Gráfico 1. Decréscimo de sujeitos nulos ao longo de dois séculos no PB (Duarte, 1993; 2012)

As línguas de sujeito pleno são aquelas em que os falantes necessitam obrigatoriamente preencher todos os sujeitos pronominais, independentemente das condições em que apareçam ou do tipo de verbo que acompanham. Ao utilizarmos a língua inglesa como exemplo, é possível observar que ela possui apenas duas formas verbais para a marcação da relação entre o sujeito e o verbo, diferentemente do português que além da forma pronominal para definir e especificar o sujeito, ainda exige a flexão do verbo em concordância com o pronome pessoal.

Inglês		Português	
I	Like	Eu	gosto
You	Like	Tu	gostas
He/She/It	Likes	Ele/Ela	gosta
We	Like	Nós	gostamos
You	Like	Vós	gostais
They	Like	Eles/Elas	gostam

Assim, seria impossível para o falante identificar o sujeito em uma sentença como __ *Like ice cream*. No inglês, essa sentença é agramatical, já que, mesmo havendo a possibilidade de o falante identificar o significado da sentença em um contexto, a mesma não faria parte da gramática da sua língua. As línguas que seguem os mesmos parâmetros que o inglês opõem-se às línguas de sujeito nulo, principalmente àquelas que utilizam a desinência verbal para identificar o sujeito.

Contudo, no PB, a presença de sujeito nulo ainda é evidenciada na construção de sentenças impessoais. Proposições como *Ø Chove muito nessa cidade* e *Ø Tem açaí no Pará* evidenciam que o PB continua a exibir sujeito nulo quando há impessoalidade na oração. O PB, no entanto, mostra a eliminação da necessidade do expletivo nulo quando o adjunto locativo sobe para a posição de sujeito, como no caso de *Essa cidade chove muito* e *O Pará tem açaí* (Kato e Duarte 2014). Segundo Duarte e Kato (2008, *apud* Kato e Duarte 2014), a explicação dada pelas autoras para essa estrutura é de que o PB, ao contrário do PE, evoluiu de um estatuto de língua de proeminência de sujeito para língua de proeminência de tópico segundo a tipologia de Li e Thompson (1976, *apud* Duarte e Kato, 2014), sendo, portanto, uma língua orientada para o discurso.

Ainda cabe levantar a problemática dos pronomes com interpretação genérica junto ao papel referencial do pronome. Segundo a hipótese de Pilati & Naves (2012), pode estar ocorrendo no PB uma cisão da categoria pronominal. As autoras propõem:

Nossa proposta de análise para as construções sintáticas descritas na seção 2 deste trabalho parte do fato de que a morfologia verbal de terceira pessoa no português do Brasil, apesar de poder checar os traços phi de T, não contém o elemento nominal com traço D capaz de satisfazer EPP, ou como preferimos dizer, não pode checar a referencialidade da sentença. Isso se deve às mudanças no paradigma flexional dos verbos, que, por sua vez, está associada às mudanças no paradigma pronominal ocorridas no PB. Dessas mudanças decorrem duas consequências: (i) necessidade de preenchimento da posição de sujeito no PB; (ii) aumento das propriedades dêiticas da morfologia de terceira pessoa. De acordo com a nossa análise, a morfologia verbal de terceira pessoa no PB está deixando de denotar a referência especificamente relativa à 3ª pessoa como participante do discurso para passar a se comportar como proforma, no sentido que Bhat (2004) atribui às formas pronominais de caráter dêítico.

Trata-se, portanto, de um fenômeno de cisão na categoria pronominal do PB, que passa a distinguir, de um lado, 1ª e 2ª pessoa, com traço de referencialidade, e de outro lado, 3ª pessoa, sem traço de referencialidade. (Pilati & Naves, 2012)

A hipótese das autoras se funda na teoria de Bhat (2004, *apud* Pilati & Naves, 2012), seguindo Benveniste (1971, *apud* Pilati & Naves, 2012) e Lyons (1977, *apud* Pilati & Naves, 2012), que argumenta que a classe gramatical definida como “pronomes” abrange elementos de caráter distintos, não sendo completamente homogênea. Segundo Bhat (2004, *apud* Pilati & Naves, 2012), existem as formas pronominais que se referem aos participantes do ato de fala e formas pronominais que não desempenham essa função. As primeiras o autor identifica como sendo os ***pronomes pessoais*** propriamente ditos e restringe-as aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas do discurso; as últimas o autor identifica sob o rótulo de ***proformas***, que são as demais formas pronominais, incluindo os pronomes pessoais de 3ª pessoa, os demonstrativos, os indefinidos, os interrogativos, etc. (Pilati & Naves, 2012 *apud* Bhat, 2004)

Tendo como referência a hipótese de cisão na categoria pronominal (Pilati & Naves, 2012), é possível atestar e mapear, como objetivos deste trabalho, o uso da interpretação genérica ou de interpretação referencial dos pronomes de 2ª pessoa *tu* e *você* no PB.

Metodologia

A metodologia apresentada neste trabalho será mostrada a partir de três etapas, em que a primeira etapa consiste na coleta de amostras de dados retiradas da rede social *Facebook*, a segunda na reunião e divisão dos dados devidamente e, por último, o desenvolvimento da análise acerca das informações obtidas. A escolha pela rede social *Facebook* se justifica pelo fato de haver um grande número de usuários desta rede, em que as propriedades de publicação permitem com que o usuário compartilhe suas críticas e pensamentos através da escrita.

A coleta de dados – primeira etapa a ser desenvolvida neste trabalho – buscará mostrar os diferentes usos dos pronomes que são abordados neste estudo e que são utilizados pelos usuários do *Facebook*. Para tanto, serão selecionados 15 perfis de usuários da rede social em questão, e será feito o acompanhamento destes perfis durante 5 dias. Ao longo desse período de acompanhamento, será recolhido da chamada *linha do tempo* (local destinado às postagens dos usuários), sentenças em postagens onde será possível constatar o uso das variantes pronominais abordadas no decorrer deste trabalho. É importante esclarecer que não será levado em conta qualquer tipo de vídeo, fotos, imagens, faixa etária ou nível de escolaridade, sendo apenas consideradas unicamente as publicações escritas feitas pelos usuários.

A segunda etapa será composta pela reunião e agrupamento dos dados em dois grupos. O primeiro grupo consistirá nas sentenças em que usuários utilizaram o *Tu* e o segundo grupo será aquele em que os usuários fizeram o uso do *Você*. Cada grupo será dividido em dois subgrupos denominados *Referencial* e *Genérico*, tendo como base a forma de interpretação das sentenças.

TU		X		VOCÊ	
<i>Referencial</i>	<i>Genérico</i>			<i>Referencial</i>	<i>Genérico</i>

A terceira e última etapa do trabalho é referente à análise dos resultados obtidos. No que se refere à base teórica, os resultados serão observados à luz das teorias gerativa e sociolinguística. Além disso, a contribuição de Pilate & Naves (2012) será utilizada para a fundamentação teórica. O artigo apresentado pelas autoras traz a hipótese de um fenômeno de cisão na categoria pronominal do PB, que passa a distinguir, de um lado, 1ª e 2ª pessoa, com traço de referencialidade, e de outro lado, 3ª pessoa, sem traço de referencialidade (Pilati & Naves, 2012). Objetiva-se, portanto, mapear a interpretação genérica ou a interpretação referencial dos pronomes de 2ª pessoa *tu* e *você* no PB.

Como o propósito desse trabalho se forma na análise da referencialidade ou interpretação genérica dos pronomes pessoais, os dados recolhidos e devidamente agrupados serão analisados como um conjunto único para uma melhor compreensão desses dados.

Apresentação dos dados

Após cinco dias de acompanhamento de 15 perfis de usuários ativos na rede social *Facebook*, foram coletadas sentenças onde o uso do pronome *tu* ou do pronome *você* se mostrava ativo. Cada um dos perfis foi observado diariamente no decorrer dos cinco dias. De antemão, é importante esclarecer um ponto importante pertinente à pesquisa:

- i. No meio digital, o uso de abreviações se mostra comum por trazer agilidade na escrita, sendo assim, as abreviações "vc", e "vcs" que retratam o pronome *você* foram analisadas e consideradas parte da pesquisa por manter o significado da palavra e a carga pronominal que ela carrega.

No total, foram analisadas 75 postagens o qual foram encontradas nove ocorrências do uso do pronome de segunda pessoa, sendo nove ocorrências do pronome *você* e apenas uma ocorrência do pronome *tu*. Como definido na metodologia, os dados obtidos serão analisados como um agrupamento único a fim de proporcionar um esclarecimento geral das ocorrências, conforme as relações de referencialidade ou de interpretação genérica que podem ocorrer no contexto do falante. Ainda que a análise de todos os dados seja feita de forma conjunta, cada caso será exposto e analisado individualmente para o melhor esclarecimento. Das ocorrências do pronome *você*, foram

evidenciados cinco usos do pronome com interpretação genérica e três usos com interpretação referencial:

Devido ao fato de se tratar de um ambiente virtual, o *Facebook* proporciona mecanismos onde os usuários podem especificar o(s) destinatário(s) à quem a mensagem deve alcançar. No exemplo abaixo, é possível ter observado esse recurso a qual se encontra destacado em azul:

Quando mergulhamos no universo literário, somos capazes de fazer descobertas inacreditáveis. Vejamos:
"Deixa o texto dizer como ele quer ser escrito." (██████, Maria.)
"O Age é um gladiador." (██████, Jessica)
"A Literatura Oral é uma árvore e as narrativas populares são galhos que a compõem." (██████, Tainá)
E terminamos a noite cheirando... O papel!
Amo vcs, minhas divas.
[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

Análise dos dados

I. Ocorrências do pronome *você* cabível a interpretação genérica

A) *"É triste ver como a fê das pessoas acaba quando se depara com a opinião dos outros. Seja **você** mesmo em qualquer lugar."*

B) *"Não adianta rastrear a vida do cara. Isso só vai gerar rugas em **você**... Se ele te ama, ele te respeita, e se ele te respeita não fará nada que possa te magoar ou ferir teus princípios de mulher. Fidelidade não é questão de liberdade, é questão de caráter. e isso é INDIVIDUAL."*

C) *"Se vc acha que já viu de tudo em uma peça..."*

Vem pro #osonho #teatropode

Amanhã às 16h no Sesc do setor comercial sul!

Entrada grátis!!!!!!"

D) *"O que **vocês** acham dos assaltantes que são mortos durante um assalto? vamos ter uma discussão saudável."*

E) *"(...) E, pra fechar com chave de ouro, a presença das TEQUILEIRAS DE Corazón!! Esperamos todos **vocês**, ein? Vai ser imperdível!!!"*

Em todos os exemplos, é possível identificar o uso do pronome *você* com interpretação genérica devido ao fato do autor da mensagem está direcionando a ideia central a qualquer ouvinte que possa aproveitar da situação. No exemplo A, o autor fornece um conselho a todas as pessoas que lerem a mensagem. O objetivo final do enunciado é atingir o maior número possível de leitores, assim como dado em B, onde o enunciado também é tido como um conselho e é direcionado às pessoas que passam por aquela determinada situação. No exemplo C, além da cabível interpretação genérica, ainda se pode observar o uso do *você* explicitado somente pelas consoantes da palavra, abreviação encontrada comumente em meios digitais de escrita. Em D, o autor faz um questionamento público e visa obter um diálogo acerca do assunto em questão, onde o significado de *vocês* não se detém em um grupo seletivo de pessoas, mas sim a todas as pessoas que ele conseguir atingir, o que também acontece com o exemplo E. Lopes (2007), ressalva que o uso de *você* e de *tu* se expandiu para contextos de referência indeterminada e já aparece em construções existenciais, como em "Você tem uma loja lá na rua que só vive em liquidação" com o sentido de "existe/há uma loja lá na rua que só vive em liquidação". O falante se descompromete com o discurso, tornando-o mais vago e genérico, pois tal forma pode englobar as demais pessoas (eu + *você(s)* + *ele(s)* + todo mundo ou qualquer um). (Lopes, 2007, p. 103)

II. Ocorrências do pronome *você* com interpretação específica

A) *"(Sujeito) Cadê você que sempre promete e nunca aparece p fazer aula?"*

B) *"Quando mergulhamos no universo literário, somos capazes de fazer descobertas inacreditáveis. Vejamos:*

"Deixa o texto dizer como ele quer ser escrito." (CASSEB, Sujeito)

"O Age é um gladiador." (LAVOR, Sujeito)

"A Literatura Oral é uma árvore e as narrativas populares são galhos que a compõem." (PAULA, Sujeito)

E terminamos a noite cheirando... O papel!

Amo vcs, minhas divas.”

C) "(Sujeito A) (Sujeito B) *eu sei que vcs amam!*"

Nas ocorrências em que o *você* aparece com interpretação específica, isto é, o único que pode aproveitar da mensagem é aquele para quem o pronome *você* está direcionado, é possível constatar o uso do recurso oferecido pela rede social nos três exemplos coletados, onde o autor especifica diretamente à quem ele deseja encaminhar a mensagem. Não há uma possível interpretação genérica na aparição dos pronomes, uma vez que o autor especifica o destinatário da mensagem.

III. Única ocorrência do pronome *tu*

A) "*Nesses exatos 18 meses, diante de toda dedicação, carinho e cuidado que tens comigo, pude sentir o quão maravilhoso é te ter ao meu lado. Tua essência é uma verdade que só **tu** tens e que me encanta diariamente, cada vez mais.*"

No exemplo A, a referencialidade do ouvinte fica evidente pelo fato da mensagem ser direcionada unicamente àquela pessoa, não havendo a possibilidade de outra pessoa ser inserida no contexto de ouvinte. A utilização de pronomes oblíquos átonos e a conjugação do verbo na segunda pessoa do singular reforçam e também ajudam na comprovação da interpretação referencial que há no contexto.

Ao analisar o conjunto dos dados obtidos, é possível comprovar que em ambiente semântico-discursivos em que o pronome *você* aparece como 2ª pessoa, a interpretação do discurso é completamente referencial à uma única pessoa, aquela que participa do discurso como sujeito receptor único daquele momento. Porém, o fato de persistir marcas de especificação original de 3ª pessoa faz com que, contexto semântico discursivo, possa haver a interpretação genérica do pronome. Pode-se, então, afirmar uma comprovação da proposta apresentada por Pilati & Naves (2012) em que as autoras afirmam que a 3ª pessoa do discurso possui menos referencialidade do que a 2ª pessoa do discurso que, também segundo as autoras, detém mais referencialidade. Também pode ser constatado a preferência do pronome *você* como 2ª pessoa e a interpretação genérica como

mais frequente do que sua interpretação referencial. Ao que se refere o pronome *tu*, por habitar o campo da 2ª pessoa, atesta-se a sua maior referencialidade. Segundo Bhar (2004, *apud* Pilati & Naves, 2012), essa distinção entre as formas pronominais é captada pelas línguas e se revela por meio das diferenças gramaticais que colocam, de um lado, pronomes pessoais de 1 e 2ª pessoa e, de outro lado, pronomes de 3ª pessoa e demais formas pronominais. (Bhar, 2004 *apud* Pilate e Naves, 2012).

Considerações Finais

A alternância entre o uso dos pronomes *você* e *tu* para representar a 2ª pessoa do singular tem se mostrado frequente no PB. Embora o pronome *você* se mostre mais frequente, seja ela com interpretação genérica, seja como referencial, ainda é possível afirmar que ele não tomou por completo o lugar do pronome *tu* no que diz respeito à 2ª pessoa. As evidências da presença do pronome *tu* são encontradas na utilização de oblíquos átonos e em contextos em que o falante deseja expressar linearidade e especificidade no referencial daquele momento. O uso do pronome *tu* não pode ser considerado um arcaísmo linguístico por ainda ser largamente empregado pelos falantes nas situações de interlocução menos formais, como um recurso de interação entre enunciador e enunciatário. Ribeiro e Coelho (2005)

Ao longo deste trabalho, constatou-se a preferência dos gramáticos pelo uso do pronome *você* ao em vez do pronome *tu* (Bechara, 2009; Rocha Lima, 2006; Brandão, 1963; Castilho, 2010) para a referência da 2ª pessoa onde, também segundo os autores, não há alteração no valor semântico que os pronomes de 2ª pessoa carregam. Devido a permanência das propriedades morfológicas do pronome *você*, originou-se um rearranjo do sistema pronominal, uma vez que ele originou-se da expressão nominal de tratamento Vossa Mercê que exige o verbo na terceira pessoa do singular. A especificação original de 3ª pessoa permaneceu, porém a interpretação semântico-discursiva se veiculou à 2ª pessoa.

Além de todas essas mudanças ocorridas acerca dos pronomes de 2ª, ainda é possível constatar uma mudança mais profunda da língua no que se refere na utilização desses pronomes com uma interpretação diferente da que eles deveriam exercer. Sendo assim, como foco deste trabalho, buscou-se investigar através dos pressupostos variacionistas, gerativos e sociolinguísticos

a utilização dos pronomes *tu* e *você* em um nível mais profundo ao tratar da problemática da referencialidade ou interpretação genérica, que pode ocorrer tanto no contexto de fala, como no contexto de escrita, seja ela formal ou informal.

A coleta e análise dos dados mostrou que a utilização do pronome *você* com interpretação genérica é mais frequente do que o pronome *tu* com a mesma interpretação. Mostrou também que, mesmo com o maior número de casos apontando para a interpretação genérica, ainda há utilização do pronome *você* com valor referencial, não se podendo afirmar uma completa utilização do *você* para qualquer um dos dois lados (genérico ou específico). A proposta das autoras Pilati & Naves (2012) atestaram o nível de referencialidade que os pronomes de 2ª e 3ª pessoa carregam e serviu como fundamento teórico essencial para a análise da referencialidade pronominal.

Os dados obtidos também mostraram que o uso do pronome *tu* está perdendo lugar para o uso do pronome *você*, porém ainda permanece na língua habitando o espaço da 2ª pessoa do singular. Apontou-se então que, mesmo o pronome *tu* sendo pouco utilizado, o seu caráter específico de referencialidade ainda permanece. É possível levantarmos a seguinte questão: Será que o PB caminha para a utilização do pronome *você* como pronome específico de referência genérica e o pronome *tu* como pronome específico de referência específica? Ainda é preciso fazer um mapeamento e aprofundamento de pesquisas nessa área de referencialidade e interpretação genérica pronominal para respondermos essa questão.

Bibliografia

BAKHTIN, M. & VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRANDÃO, C. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Brasil, 1963.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

DUARTE, M. E. L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: Roberts, I & Kato, M.A. (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995..

DUARTE, M. E. L. *A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos*. In: Paiva, M. C; Duarte, M.E.L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2003.

KATO, M. A. & DUARTE M. E. L. *A variação entre construções finitas pessoais e impessoais no português brasileiro*. Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande, v. 4, nº 12, Mai. 2014.

LOPES, C. R. dos S.. *Pronomes pessoais*. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PILATI, E. N. S. & NAVES, R. R. *Cisão da categoria pronominal, transferência de traços de C para T e a expressão do sujeito português brasileiro*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA, 2, São Paulo. 2012.

RIBEIRO, A. L. de M. & COELHO, S. M. *Segunda pessoa manifesta em “Tu”: Um exemplo de arcaísmo linguístico?* UNIPAM, 2005.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de janeiro: José Olympio, 2006.

ZILLI, G. N. *Por que “tu” e não “você”?*. UNESC: Criciúma, 2009.